



MUSEUS DAS REXISTÊNCIAS: POTENCIALIZANDO HISTÓRIAS PARA ADIAR O FIM DO MUNDO

Jairza Fernandes Rocha da Silva¹
Universidade Federal de Minas Gerais,
Faculdade de Educação, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Natalino Neves da Silva²
Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação,
Departamento de Administração Escolar, Belo Horizonte, MG, Brasil.

Nayhara J. A. Pereira Thiers Vieira³
Universidade Federal de Alfenas, Pró-reitoria de Extensão
Gerência de Programas e Projetos, Alfenas, MG, Brasil

Walter Francisco Figueiredo Lowande⁴
Universidade Federal de Alfenas, Instituto de Ciências Humanas e Letras,
Departamento de Ciências Humanas, Alfenas, MG, Brasil.

Resumo: O artigo apresenta o projeto *Museus das Rexistências*, que foi premiado no concurso *Reimagining Museums for Climate Action*, promovido pela *UK Arts and Humanities Research Council*, e foi parte dos eventos culturais que compuseram a COP 26, realizada em novembro de 2021 na cidade de Glasgow, Escócia. Em exposição no *Glasgow Science Centre* entre julho e novembro de 2021, o projeto propôs repensar radicalmente o papel dos museus diante dos desafios impostos pelas mudanças climáticas.

¹ Mestrado em Educação pela UFMG. É pesquisadora colaboradora do Grupo de Estudo e Pesquisa Afrodiáspora e Educação (GepeAfro). Integrante do Programa Ações Afirmativas na UFMG. Atua como Assessora Parlamentar. Feminista negra e ativista ambiental. E-mail: professorajairza@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6858-8427>

² Doutorado em Educação pela UFMG. É coordenador do Grupo de Estudo e Pesquisa Afrodiáspora e Educação (GepeAfro). Coordena o Programa Ações Afirmativas na UFMG. Atua nos Programas de Pós-Graduação em Educação e Docência (Profissional) e Conhecimento e Inclusão Social (Acadêmico), ambos na Faculdade de Educação da UFMG. E-mail: natalgerais@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1746-8713>

³ Mestrado em Letras pela UFSJ. É Técnica em Assuntos Educacionais da UNIFAL-MG. E-mail: nayhara.vieira@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2756-5944>

⁴ Doutorado em História pela UNICAMP. Realizou pesquisa de Pós-Doutorado no PPGH da UNIRIO sobre os impactos onto-epistemológicos e narrativos do Antropoceno na historiografia. Professor dos cursos de História-Licenciatura e do Programa de Pós-Graduação em História Ibérica da UNIFAL-MG. E-mail: walter.lowande@unifal-mg.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5137-1352>



Para tanto, considera o caráter colonialista dos museus, o racismo ambiental e reflete, a partir disso, sobre como museus comunitários poderiam constituir uma rede de resistência ecológica a partir do compartilhamento de histórias e dos patrimônios cosmológicos de comunidades que resistem, há séculos, à onto-epistemologia extrativista e genocida imposta aos povos africanos e ameríndios pela expansão colonial europeia.

Palavras-Chave: museus; resistências; racismo ambiental; mudanças climáticas; cosmopercepções comunitárias.

EXISTANCES MUSEUMS: POWERING STORIES TO POSTPONE THE END OF THE WORLD

Abstract: The article presents the Existences Museums project, which was awarded in the Reimagining Museums for Climate Action competition promoted by the UK Arts and Humanities Research Council and was part of the cultural events that made up COP 26, held in November 2021 in the city of Glasgow, Scotland. On display at the Glasgow Science Center between July and November 2021, the project proposed to radically rethink the role of museums in the face of the challenges posed by climate change. Therefore, it considered the colonialist character of museums, environmental racism and, from this, reflects on how community museums could constitute a network of ecological resistance by sharing histories and cosmological heritage of communities that have resisted, for centuries, to the extractivist and genocidal onto-epistemology imposed on African and Amerindian peoples by European colonial expansion.

Keywords: museums; existences; environmental racism; climate changes; community cosmoperceptions.

MUSEOS DE LAS REXISTENCIAS: POTENCIANDO HISTORIAS PARA RETRASAR EL FIN DEL MUNDO

Resumen: El artículo presenta el proyecto Museos de las Rexistencias, que fue premiado en el concurso *Reimagining Museums for Climate Action*, promovido por el *UK Arts and Humanities Research Council*, y que formó parte de los eventos culturales que integraron la COP 26, celebrados en noviembre de 2021 en la ciudad de Glasgow, Escocia. En exhibición en el *Glasgow Science Centre* entre julio y noviembre de 2021, el proyecto propuso repensar radicalmente el papel de los museos frente a los desafíos que plantea el cambio climático. Por tanto, consideró el carácter colonialista de los museos, el racismo ambiental y, a partir de ello, reflexionó sobre cómo los museos comunitarios podrían constituir una red de resistencia ecológica a partir del intercambio de historias y patrimônios cosmológicos de comunidades que han resistido, durante siglos, a la onto-epistemología extractiva y genocida impuesta a los pueblos africanos y ameríndios por la expansión colonial europea.

Palabras-clave: museos; resistencias; racismo ambiental; cambios climáticos; cosmopercepciones comunitarias.

MUSEÉS DE LAS REXISTENCES: POTENTIALISER DES HISTOIRES POUR RETARDER LA FIN DU MONDE



Résumé: L'article présente le projet *Museés de las Rexistencias*, qui a été récompensé dans le cadre du concours *Reimagining Museums for Climate Action*, promu par le UK *Arts and Humanities Research Council* et partie des événements culturels qui composent la COP 26, qui s'est tenue en novembre 2021 dans la ville de Glasgow, Écosse. Présenté au Glasgow Science Center entre juillet et novembre 2021, le projet a proposé de repenser radicalement le rôle des musées face aux défis posés par le changement climatique. Par conséquent, il a pris en compte le caractère colonialiste des musées, le racisme environnemental et, à partir de là, il a réfléchi sur la manière dont les musées communautaires pourraient constituer un réseau de résistance écologique à partir du partage des histoires et des patrimoines cosmologiques de communautés qui ont résisté, pendant des siècles, à l'onto-épistémologie extractive et génocidaire imposée aux peuples africains et amérindiens par l'expansion coloniale européenne.

Mots-clés: musées; réexistences; racisme environnemental; les changements climatiques ; cosmoperceptions communautaires.

Tomara que estes encontros criativos que ainda estamos tendo a oportunidade de manter animem a nossa prática, a nossa ação, e nos deem coragem para sair de uma atitude de negação da vida para um compromisso com a vida, em qualquer lugar, superando as nossas incapacidades de estender a visão a lugares para além daqueles a que estamos apegados e onde vivemos, assim como às formas de sociabilidade e de organização de que uma grande parte dessa comunidade humana está excluída, que em última instância gastam toda a força da Terra para suprir a sua demanda de mercadorias, segurança e consumo (Krenak, 2019, p. 50).

Seu existir é, inerentemente, um resistir, o que condensa no neologismo reexistir (Viveiros de Castro, 2019, p. 14).

INTRODUÇÃO⁵

Neste artigo apresentamos o projeto *Existences Museums*,⁶ que foi premiado no concurso *Reimagining Museums for Climate Action*,⁷ promovido pela *UK Arts and Humanities Research Council*. Como tal, o nosso projeto fez parte dos eventos culturais que compuseram a Conferência da ONU sobre as Mudanças Climáticas (COP 26), que

⁵ Este artigo foi originalmente publicado em inglês, com o título “*Existences Museums: postponing the end of the world*”, no livro *Reimagining Museums for Climate Action*, organizado por Rodney Harrison e Colin Sterling (SILVA et al., 2021).

⁶ As ideias do projeto *Existences Museums* ganharam continuidade no projeto de extensão “*Museus das Rexistências*”, que conta com bolsa da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) da Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG). Mais informações disponíveis em www.unifal-mg.edu.br/museusdasreexistencias (acesso em 28/08/2022).

⁷ www.museumsforclimateaction.org (acesso em 28/08/2022).



aconteceu em novembro de 2021 na cidade de Glasgow, na Escócia. A proposta do concurso foi encorajar as pessoas a pensarem em ações museais radicais, voltadas para o enfrentamento das mudanças climáticas, para a construção de futuros verdes e para a produção de justiça climática. Para nós, isso envolve compreender que as transformações sem precedentes e de consequências imprevisíveis que estamos testemunhando atualmente no Sistema Terra relaciona-se diretamente com a violência colonial.⁸

Em exposição no Glasgow Science Centre entre julho e novembro de 2021, nossa proposta foi produzida por um grupo interdisciplinar de acadêmicos e profissionais em colaboração com comunidades rurais do Sul de Minas Gerais. O título do projeto se inspira na reflexão teórica de Eduardo Viveiros de Castro, resumida na frase mencionada na epígrafe acima, a qual nada mais faz do que chamar a atenção para a luta pela vida (ou, como ele prefere, a *resistência*) de povos ameríndios, afrodiáspóricos e todos aqueles que mantêm vivas suas heranças cosmológicas no Brasil. Além disso, o nosso projeto também considera o caráter colonialista dos museus modernos e o racismo ambiental que é parte constituinte de nossa sociedade. A partir disso, propusemos uma reflexão sobre como museus comunitários poderiam constituir uma rede de resistência ecológica por meio do compartilhamento de histórias e dos patrimônios cosmológicos de grupos que resistem, há séculos, ao extrativismo genocida imposto aos povos africanos e ameríndios pela expansão colonial europeia.⁹ Este artigo tem como objetivo expandir essas reflexões teóricas, agregando-lhes o aprendizado que nos foi proporcionado pelas comunidades que colaboraram com o nosso projeto, a saber, a Tenda de Umbanda e Candomblé Maria Baiana de Aguiné, de Alfenas, MG, o Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, que é parte do acampamento do MST em Campo do Meio, MG, o Quilombo Campo Grande, e a comunidade de maroleiras e maroleiros de Paraguaçu, MG.

OS MUSEUS MODERNOS E AS CATÁSTROFES SOCIOAMBIENTAIS DO PRESENTE: ALTERNATIVAS TEMPORAIS, ESPACIAIS E SUBJETIVAS

⁸ A literatura sobre o Antropoceno atualmente é imensa e não para de crescer. No entanto, alguns textos se notabilizaram por relacionar a emergência dessa potencial nova época geológica com a expansão colonial europeia. A este respeito, cf. Lewis e Maslin (2015), Moore (2015), Povinelli (2016), Danowski e Castro (2017), Davis e Todd (2017), Yusoff (2018) e Tsing (2019).

⁹ Sobre o potencial libertador e contracolonial das atividades educativas relacionadas a museus, cf. Ferracini (2015).



Quando nos pusemos a pensar sobre como ações museais poderiam ser úteis para o enfrentamento do aquecimento global e para a construção de futuros mais verdes e justos, duas perguntas nos vieram à mente: “o que é e o que pode ser um museu?” e “que tipo de conhecimento pode realmente enfrentar as catástrofes por vir?”.

Os museus modernos são dispositivos que contribuíram para a consolidação de uma visão de mundo diretamente responsável pelas catástrofes socioambientais do presente. A espoliação colonial de corpos não humanos e humanos e das paisagens por eles originalmente habitadas está na própria origem dos diversos museus, dos gabinetes de curiosidades aos museus antropológicos do século XIX, que se proliferaram a partir dos centros comerciais e administrativos europeus desde o princípio da colonização das Américas.¹⁰ Nesses espaços se materializava a “grande cadeia do ser”, adaptada às exigências modernas, que nada mais representava do que o desejo de subjugação do mundo ao domínio do homem branco europeu.¹¹ A verdadeira “riqueza” exposta nesses museus era o potencial comercial de corpos e vivências objetificados de maneira exemplar e pedagógica em suas vitrines. Por trás da curiosidade dirigida a corpos e objetos exóticos escondia-se a gramática de um geo-onto-poder (POVINELLI, 2016) em construção, o qual é diretamente responsável pela irrupção do desarranjo geossistêmico que temos vivenciado no presente, e do qual o aquecimento global é apenas uma de suas facetas.

Esses museus se transformaram em verdadeiros monumentos à barbárie global produzida pela civilização ocidental moderna.¹² Eles foram erigidos para durar para sempre, espelhando a eternidade imaginada pela visão de mundo moderna para si própria.¹³ A preservação a todo custo que esses espaços monumentais demandam representa, por si só, uma pegada ecológica com a qual nós não podemos mais arcar. No entanto, há, para além dessa pegada física, uma pegada psicológica expressa no trauma

¹⁰ Esses problemas são abordados, por exemplo, em Stocking Jr. (1985) e Melo Santos et al. (2019).

¹¹ Sobre as relações entre a progressiva separação epistemológica entre “Humanidade” e “Natureza” e os museus, cf. Dorfman (2019).

¹² Referência à conhecida denúncia de Walter Benjamin, para o qual “nunca houve um monumento da cultura que não fosse também um monumento da barbárie. E, assim como a cultura não é isenta de barbárie, não o é, tampouco, o processo de transmissão da cultura” (BENJAMIN, 2012, p. 245).

¹³ Aqui estamos considerando que os museus podem ser pensados dentro da mesma perspectiva ontológica indicada por Caitlin DeSilvey (2017) para o patrimônio cultural.

vivenciado por todas as pessoas para quem os museus tradicionais são, na verdade, uma galeria que celebra a espoliação e a subalternização de seus próprios corpos.¹⁴

Esse tipo de perspectiva crítica não é algo novo.¹⁵ No entanto, decolonizar os museus talvez não seja suficiente se isso não implicar em uma transformação substancial daquilo que os constitui em suas feições mais elementares. O convite para reimaginar radicalmente o papel dos museus em tempos de aquecimento global foi uma excelente oportunidade para repensarmos as suas temporalidades, as suas espacialidades e as suas subjetividades. Com isso buscamos apenas fazer justiça às diferentes visões de mundo que têm resistido e existido há séculos, não obstante a obstinada tentativa de destruição de seus mundos pela cosmovisão patriarcal, branca, capitalista e colonialista moderna.

Com relação à temporalidade, é preciso pensar em um museu que seja um lugar de encontros capazes de suspender o tempo homogêneo e vazio que tem nos conduzido em direção ao abismo do Antropoceno. Nos terreiros, nas rodas de samba, de jongo, de maracatu e de outras manifestações relacionadas às “cosmopercepções” (OYĚWUMÍ, 2003) afro-indígenas brasileiras, podemos nos transportar para essa outra relação com o tempo e com as coisas.¹⁶ O cultivo da terra voltado para o compartilhamento de alimentos e de afetos, bem como as formas de resistência anticapitalistas e contracoloniais à mercantilização das relações multiespécies de paisagens rurais, também nos ensinam sobre o tempo da sazonalidade, que é o do encontro com espécies companheiras com as quais precisamos compor para resistir à ira de Gaia.¹⁷

¹⁴ Essa experiência de não pertencimento nos foi relatada pelas próprias pessoas das comunidades que nos contaram suas histórias para a exposição *Existences Museum*. As próprias ações da UNESCO, na década de 1970, para tentar impedir o tráfico ilegal de artefatos para museus (STOCKING JR., 1985) atesta essa percepção, para além das experiências relatadas em outros trabalhos acadêmicos, como Chakrabarty (2019) e Cunha e Cesarino (2016).

¹⁵ Uma síntese das discussões sobre a necessidade de uma crítica decolonial aos museus modernos pode ser encontrada em Brulon (2020) e Chakrabarty (2019).

¹⁶ Um exemplo disso foi apontado em Lowande e Bueno (2020).

¹⁷ “Gaia” é o termo empregado por cientistas do Sistema Terra, desde a obra de James Lovelock e Lynn Margulis, para designar o resultado do processo geo-histórico e coevolutivo que possibilitou a produção do equilíbrio biogeofísico característico da fina “zona crítica” ou “biosfera” que envolve o planeta Terra (LATOURE, 2020). A ideia de que o Sistema Terra pode ser percebido como um agente que agora reage às ações destrutivas da sociedade capitalista, sem se importar com a forma como vamos responder à sua “intrusão”, pode ser encontrado em Stengers (2015). Sobre as formas extramodernas de relacionamento com a rede de viventes que constitui esse Sistema Terra, Antônio Bispo dos Santos opõe a categoria colonial “trabalho” à categoria contracolonial “biointeração”, isso é, a relação com a terra como um “ente gerador de força vital”, que nos fornece sua energia por meio “de um processo de cultivos festivos recheados de religiosidade” (SANTOS, 2015, p. 58). Anna Tsing também nota essa relação sustentável e simbiótica entre camponeses e as matas quando essas relações não são tocadas pelas modernas tecnologias agropecuárias (a



As próprias matérias construtivas desses “Museus das *Rexistências*” podem incorporar uma experiência do tempo aberta à transitoriedade. Materiais locais, renováveis e recicláveis, que componham espaços como domos geodésicos e outras estruturas de fácil construção e transporte, podem oferecer experiências de deslocamentos espaciais capazes de conectar experiências e projetos. A desintegração material desses espaços também pode nos ajudar em muito a lidar com o sentimento de desapego que o mundo que nos espera irá nos cobrar, nos ensinando sobre o sentimento de luto, sobre cuidados paliativos e sobre as relações de cuidado, afeto e sentido que podem surgir dos processos entrópicos.¹⁸

Finalmente, precisamos pensar em quem pode construir um museu. O discurso da técnica, da eficácia e do lucro certamente conduzem ao silenciamento de perspectivas que, ao contrário da gestão museal feita, em geral, por especialistas, profissionais e empresários, são capazes de nos fazer pensar melhor diante de um problema compartilhado por muitos (senão todos) os viventes deste planeta.¹⁹ Os museus precisam, portanto, se transformar em espaços nos quais essas diferentes visões de mundo possam, a seu tempo, ser potencializadas por encontros capazes de conectar afetos em torno da busca por futuros mais verdes e justos.

COSMOPERCEPÇÕES COMUNITÁRIAS E RACISMO AMBIENTAL

É por meio da cosmopercepção comunitária que o Acampamento Quilombo Campo Grande, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), em Campo do Meio (MG), a Tenda de Umbanda e Candomblé Maria Baiana de Aguiné, em Alfenas (MG) e a Agricultura Familiar do Marolo, em Paraguaçu (MG), constituem experiências relacionadas a saberes-fazer que podem ser potencializadas naquilo que propomos chamar de “Museus das *Rexistências*”. A atitude comunitária de resistir não tem nada de romântico ou inocente. A adoção deste tipo de postura no contexto da periferia do

introdução de fertilizantes químicos, por exemplo) (TSING, 2019, p. 100). Esses modos de vida também podem ser associados àquilo que Alberto Acosta denomina “Bem Viver”, a partir da observação das experiências ameríndias e de outros povos que resistem à visão de mundo moderna e ocidental (ACOSTA, 2016).

¹⁸ Sobre a centralidade dos conceitos de decadência e entropia nas práticas patrimoniais do presente, cf. DeSilvey (2017).

¹⁹ Proposta semelhante àquela apresentada por Stengers (2015).

capitalismo significa muitas vezes pôr a própria vida em risco, pois, afinal, o Brasil ocupa a 4ª posição dentre os países mais violentos para quem atua junto à sociedade civil em defesa dos direitos humanos (FRONT LINE, 2020).

Há séculos que os povos afrodiáspóricos e indígenas são afetados, no Brasil, por todo tipo de violação relacionada aos direitos humanos, haja vista que, no registro histórico da modernidade, nem a humanidade desses povos foi reconhecida. No contexto da periferia do capitalismo, portanto, essas populações têm que enfrentar não só as desigualdades de ordem socioeconômica e ambiental, mas também a racial. A esse respeito, o sociólogo Jessé de Souza (2017) localiza as raízes da desigualdade brasileira na herança da escravidão e, por conseguinte, a elite nacional, denominada por ele como a *elite do atraso*, por meio do *pacto narcísico da branquitude*,²⁰ perpetua o poder ocasionando uma sociedade desigual, excludente e perversa.

Em se tratando de refletirmos a respeito do enfrentamento ao aquecimento global e da construção de futuros mais verdes e justos, não podemos desconsiderar o *racismo ambiental*, conceito elaborado pelo ativista afro-estadunidense de direitos civis Dr. Benjamin Franklin Chavis (LEWIS, 1993). Esse tipo de racismo se concretiza por meio da injustiça ambiental que incide de modo mais direto sobre essas comunidades, sendo um mecanismo pelo qual a população campesina, quilombola, indígena e de moradores(as) de vilas e favelas nos centros urbanos são muitas vezes expostas aos danos socioambientais gerados pelo processo econômico capitalista.

Além do risco iminente de danos irreversíveis à saúde ocasionado pelos produtos industriais do capitalismo, quais sejam, lixo tóxico, contaminação de nascentes e rios, poluição do ar, elevado índice de pesticidas nos alimentos, entre outros, o racismo ambiental põe em risco ainda o manejo de produções agroecológicas sustentáveis desenvolvidas por parte dessas populações através de uma luta de séculos pelo direito social e humano à terra.

A seguir apresentamos alguns exemplos dessas cosmopercepções. Todas elas vêm de uma região marcada por conflitos raciais, religiosos e agrários, ora velados e ora explícitos, mas sempre violentos. Ao contatarmos essas comunidades em busca de “ideias para adiarmos o fim do mundo”, como nos ensina Ailton Krenak, iniciamos uma rede de

²⁰ Conceito elaborado pela pesquisadora Cida Bento. Para saber mais: <https://globoplay.globo.com/v/9081632/> (acesso em 19/10/2021).



resistência, composta por pessoas capazes de contar as suas próprias histórias em seus próprios espaços.

TENDA DE UMBANDA E CANDOMBLÉ MARIA BAIANA DE AGUINÉ

A possibilidade de se aproximar das cosmopercepções comunitárias aqui compartilhadas significa tomar conhecimento das lutas que vêm sendo realizadas há vários anos no contexto nacional. Nesse sentido, há mais de 22 anos que a Tenda de Umbanda e Candomblé Maria Baiana de Aguiné, liderada por “Mãe” Cida, está em atividade na cidade de Alfenas, MG. Por se tratar de uma região historicamente agrária-escravocrata, os(as) praticantes da Umbanda têm de lidar com preconceito, desvalorização e, muitas vezes, com ameaças relacionadas ao culto desta manifestação político-religiosa de matriz afro-brasileira. Não obstante, esse patrimônio imaterial cultural afrodiaspórico brasileiro sobrevive e resiste.²¹

No que concerne às contribuições dadas por essa comunidade à perspectiva museal de *resistências*, é oportuno notar o respeito com que os membros dessa religião se relacionam com as plantas e a natureza, pois, afinal, a partir de suas cosmopercepções elas estão intrinsecamente relacionadas com as entidades ali cultuadas. É importante ressaltar a esse respeito que o saber ancestral africano não faz distinção entre a vida e o sagrado, conforme verificado na lógica racionalista ocidental. Desse modo, a frase “sou de axé e não nego a minha fé!” elucida bem esse tipo de visão.

O respeito que os povos de comunidades tradicionais de terreiro estabelecem com o meio ambiente se relaciona também com a alimentação. Grãos, legumes e verduras são partes integrantes dos signos e significados ritualísticos das religiosidades de matrizes afro-brasileiras. É por meio da relação entre natureza e sagrado que se realiza os processos de humanização, acolhimento e axé.

As comunidades de religiões de matriz africana preservam a natureza de maneira responsável, pois é dela que são retirados os alimentos não só para garantir, muitas vezes, o seu sustento, como também os rituais de cura e oferenda aos orixás. Consequentemente, essa atitude responsável contribui não só para garantir futuros planetários, bem como a

²¹ Uma forma de interpretar os saberes de libertação e emancipatórios oriundos destas lutas é desenvolvido por Silva (2020).



produção de uma economia agroecológica emancipatória e a segurança alimentar e nutricional dessas populações.

Figura 1: Tenda de Umbanda e Candomblé Maria Baiana de Aguiné, Alfenas, MG



Fonte: VIEIRA, Nayhara J. A. Pereira Thiers (acervo pessoal).

Figura 2: Pai Jesus em meio às ervas cultivadas pela comunidade da Tenda de Umbanda e Candomblé Maria Baiana de Aguiné, Alfenas, MG



Fonte: VIEIRA, Nayhara J. A. Pereira Thiers (acervo pessoal).

**QUILOMBO CAMPO GRANDE - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES
SEM TERRA EM CAMPO DO MEIO, MG**



Em Campo do Meio, no sul do Estado de Minas Gerais, um conjunto de 11 acampamentos de trabalhadores(as) rurais sem terra forma o “Quilombo Campo Grande – uma alusão a um quilombo que ocupava parte das terras da região no século XIX se configurando como um dos maiores da história do Brasil – e compõem um dos principais pontos de tensão resultante da Questão Agrária em Minas Gerais” (COCA et al., 2020). Vinculado ao Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), o Quilombo Campo Grande ocupa, desde 1996, as terras de uma usina que, ao falir, deixou inúmeras dívidas trabalhistas atreladas a ela e a seus parceiros.

Em visita a esse Quilombo e em conversa com as mulheres que integram o Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, pudemos vivenciar um daqueles encontros criativos que Krenak (2019) menciona e que por vezes imaginamos tão distantes. O trabalho e a luta coletiva das trabalhadoras e dos trabalhadores do Quilombo, após a ocupação das terras da usina, parte de uma ressignificação completa da relação dos seres humanos com o espaço e com a territorialidade. Pela via da agroecologia e da reforma agrária, o que se estabelece ali é a prática do “sonhar a terra”, nas palavras do líder indígena Davi Kopenawa. Em um movimento que se instala pelo reconhecimento de que a terra “tem coração e respira” (KOPENAWA, 2015), as famílias de acampados e acampadas compreendem-na como aliada na resistência para a continuidade da vida; como morada, como alimento, como cura e como palco de luta por justiça social.

A potência do que se vê ali é justamente essa ressignificação, por si mesma alternativa, e as inúmeras possibilidades de futuros que dela emerge. Conhecer a forma como as pessoas desse local compõem sua existência, avessas à exploração e esgotamento da terra, como prevê o agronegócio, nos prova que é possível nos reconhecermos como parte da rede de viventes que compõe os espaços que habitamos, sem mirar em objetivos que dependem da exploração parasitária de outros seres e das paisagens que eles constituem. Ao apresentarem as plantas com as quais trabalham, as mulheres do Coletivo já mencionado fazem questão de apontar que “cada coisa [que] se vê ali, cada erva que se vê ali, não é mato. Tudo ali, para elas, é remédio”. Essa perspectiva reflete com muita delicadeza as pautas do MST, cujos objetivos são “a produção de alimentos, de cultura e conhecimentos. E mais do que isso: a construção de um país socialmente justo, democrático, com igualdade e com harmonia com a natureza”.²²

²² Disponível em <https://mst.org.br/nossa-historia/84-86/> (acesso em 19/10/2021).

É preciso ressaltar que esse tipo de *resistência*, pautada em uma lógica contra-colonial e anti-latifundiária, não se dá sem conflitos com aqueles que há séculos se beneficiam da exploração das mais variadas formas de vida, em uma perspectiva reversa, muito bem alinhada a tudo o que o modo de existência capitalista preconiza, para o qual a única possibilidade de presente é a devastação ambiental que se dá rumo a um progresso inatingível, sempre e mais e mais devastador. Exemplo recente desse tipo de embate ocorreu em 2020, em meio à pandemia de Covid-19, quando o Quilombo sofreu ameaças de despejo e, com a reintegração de parte das terras aos antigos proprietários da usina, a escola da comunidade foi demolida e algumas famílias desalojadas.²³

Mesmo em meio a tantas ameaças, essas pessoas resistem e nos apontam outros caminhos, sem nunca perder de vista um modo de vida que dota de sentido um presente que tem no horizonte possibilidades de futuros verdes e climaticamente justos. Muitas das pessoas que vivem nesses acampamentos nunca visitaram um museu e são suas vozes e experiências, como reflexão e exemplo para esses futuros, que os Museus das *Resistências* pretendem abrigar, fortalecer e defender. São essas vozes, corpos, experiências e saberes que acreditamos ser necessário potencializar.

Figura 3: Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, Acampamento Quilombo Campo Grande, MST, Campo do Meio, MG.



Fonte: VIEIRA, Nayhara J. A. Pereira Thiers (acervo pessoal).

²³ Para mais detalhes consultar: <https://mst.org.br/2020/08/19/despejo-no-acampamento-quilombo-campo-grande-mg-acende-alerta-durante-a-pandemia/> (acesso em 19/10/2021).

Figura 4: Coletivo de Mulheres Raízes da Terra, Acampamento Quilombo Campo Grande, MST, Campo do Meio, MG.



Fonte: VIEIRA, Nayhara J. A. Pereira Thiers (acervo pessoal).

O MAROLO E OS(AS) MAROLEIROS(AS) DE PARAGUAÇU, MG

As práticas de *resistência* na região Sul de Minas Gerais também tomam forma em uma comunidade na qual uma planta desempenha um papel central. Na pequena cidade de Paraguaçu, o marolo (ou *araticun*)²⁴ articula em torno de si uma extensa e vibrante rede de atores humanos e não humanos, que tem como resultado uma atitude cosmopolítica contrária às práticas de degradação ambiental características de nosso agronegócio parasitário.

A *Annona crassiflora* M., planta pertencente à família *Annonaceae*, é nativa do cerrado brasileiro, o segundo maior bioma do Brasil e da América do Sul (POLO, 2017), sendo também um dos mais ameaçados pelo avanço do agronegócio no país.²⁵ O fruto dessa planta, o marolo, possui uma estrutura baciforme (a polpa carnuda que envolve suas sementes é composta por bagas), e é conhecido por seu sabor e aroma característicos,

24 Tanto “marolo” quanto “araticun” são denominações derivadas das línguas ameríndias, o primeiro associado aos Mandibóias (Palhão, 2017, p. 86) e, o segundo, provavelmente, originado da língua tupi. Sobre o extermínio dos povos indígenas da região e da ocupação de seus territórios a partir do século XVIII no Sul de Minas Gerais, cf. Amantino (2006), Guimarães (2017) e Resende e Hal (2007).

25 Sobre as ameaças enfrentadas pelo bioma no presente, vide https://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/biomas/bioma_cerrado/bioma_cerrado_ameacas/ (acesso em 19/10/2021).



muito apreciados na culinária artesanal da região. Por esse motivo, a extração e venda do marolo se tornou uma alternativa econômica para a população mestiça e pobre da região, sobretudo a partir da década de 1940. É a este período que retrocedem as memórias sobre as práticas tradicionais dos “maroleiros” (CARVALHO et al., 2017), o que pode estar relacionado ao acirramento da disputa por terras na região em função do projeto modernizador imposto pelo governo de Getúlio Vargas (BERCOVICI, 2020).

De aroma forte, o marolo não é apreciado apenas por humanos. Seu forte odor, liberado principalmente no rápido processo de deterioração após caído do pé e rachado, é o modo pelo qual o maroleiro se comunica com outros seres vivos que com ele colaboram para a dispersão de suas sementes, como o lobo-guará, o cachorro do mato, várias espécies de macacos, aves e insetos (CARVALHO, 2017, p. 42). A casca corticosa, fendida e grossa de tronco tortuoso do maroleiro também representa uma forma de adaptação a solos menos férteis e a queimadas, tornando-o resiliente às diversas formas de degradação ambiental impostas ao bioma da região. Isso torna o maroleiro um parceiro fundamental para a recomposição de ecologias prejudicadas pela ação antropogênica.

O termo “maroleiro” designa tanto a planta quanto as pessoas dedicadas à extração do marolo ainda não domesticado pelo agronegócio. Se antes havia uma conotação pejorativa no seu uso, que associava os moradores de Paraguaçu às pessoas pobres e mal trajadas que se dedicavam à extração do fruto, hoje a denominação é assumida com orgulho por toda uma comunidade que se compreende como guardiã de uma identidade moldada por essa peculiar relação estabelecida entre humanos e marolos. Em tempos de acentuada precarização da vida, o cultivo do marolo e a manufatura de produtos dele derivados apresentam uma importante alternativa econômica para os(as) trabalhadores(as) rurais e urbanos de pequenas cidades como Paraguaçu. No entanto, essa relação multiespécie é percebida como dependente das condições oferecidas pelo Cerrado. O mundo dos maroleiros têm sido, então, defendido em inúmeras ações que envolvem o poder público, universidades da região, escolas, eventos como festivais gastronômicos e musicais, pesquisas científicas e ações de extensão que movimentam a cidade de Paraguaçu e promovem a preservação da planta e do que resta do Cerrado na região.²⁶

²⁶ Algumas dessas diversas histórias e iniciativas foram reunidas em Carvalho *et al.* (2017).

Figura 5: Marolo (*Annona crassiflora* M.).



Fonte: REIS, Cristian Raphael de Souza (acervo pessoal).

Figura 6: Ana Lúcia, maroleira de Paraguaçu, MG.



Fonte: REIS, Cristian Raphael de Souza (acervo pessoal).

OS MUSEUS DAS REXISTÊNCIAS: CULTIVANDO IDEIAS PARA UM FUTURO MENOS CATASTRÓFICO

Nós conhecemos essas três histórias por intermédio das próprias comunidades que as construíram. Foram elas próprias que afetosamente nos apresentaram os mundos multiespécies que criaram, a duras penas, em resistência às formas destrutivas impostas pelo agronegócio em nossa região. O que percebemos foi que esses grupos foram tomados



por uma clara alegria ao conhecerem mais de perto a luta de companheiros e companheiras que *reexistem* em outros lugares. Essa iniciativa piloto nos permitiu entrever a constituição de uma rede ampliada de resistência em potência, capaz de pôr em contato lutas de comunidades que, embora advindas de trajetórias e tradições diferentes, “confluem” (SANTOS, 2015) na defesa de seus respectivos mundos contra uma ameaça comum.

Todos esses grupos demonstraram surpresa e interesse quando se viram diante da possibilidade de ressignificar a palavra museu. Se antes isso era percebido como um tipo de instituição alheia às suas vidas, agora esses grupos criaram uma grande expectativa ao refletirem sobre a possibilidade de construir, eles próprios, espaços em que suas trajetórias de luta possam ser materializadas e conhecidas por pessoas de outros lugares e, inclusive, de outros países.

Desse modo, os Museus das *Reexistências* nada mais são do que uma proposta de construção de lugares de encontros. A circulação de saberes locais de comunidades que têm resistido ao fim de seus mundos há mais de cinco séculos é, sem dúvida, uma das principais formas de enfrentarmos a ameaça trazida pelo aquecimento global e pelos demais distúrbios planetários originados pelo modo de vida patriarcal, colonialista e capitalista.

AGRADECIMENTOS

A escrita deste texto e produção da exposição *Existances Museums* seria impensável sem o apoio de João Rodrigues, Luciana Carvalho, Jorge Maron, Bárbara Mançanares, Cristian Reis; Mãe Cida, Pai Luan e a comunidade da Tenda de Umbanda e Candomblé Maria Baiana de Aguiné; Tuíra, Débora, Ricarda, Nãna e Sebastião, do Quilombo Campo Grande; e Gilmara Carvalho e Carlos Mesquita, de Paraguaçu, MG. Nós também gostaríamos de agradecer o apoio da UNIFAL-MG, da Pró-reitoria de Extensão da UNIFAL-MG na continuidade desse projeto, e a prolongada assistência da equipe do *Reimagining Museums for Climate Action*.

Este artigo é dedicado à memória de Ana Lúcia, que nos recebeu com sua simpatia e afeto em seu lar e estrelou nosso vídeo sobre os(as) maroleiros(as) de Paraguaçu, e que infelizmente se tornou mais uma das vítimas da pandemia de Covid-19 em 2021.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACOSTA, Alberto. O bem viver: uma oportunidade para imaginar outros mundos. 1a edição. São Paulo: *Elefante Editora*, 2016.

AMANTINO, Marcia. As Guerras Justas e a escravidão indígena em Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX. *Varia Historia*, v. 22, n. 35, p. 189–206, 2006.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas. Vol. 1: Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura / trad.: Sergio Paulo Rouanet. 8. ed. revista. São Paulo: *Ed. Brasiliense*, 2012.

BERCOVICI, Gilberto. A Questão Agrária na Era Vargas (1930-1964). *História do Direito*, v. 1, n. 1, p. 183, 2020.

BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para repensar os museus. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, v. 28, p. e1, 2020.

CARVALHO, Gilmara Aparecida de; CARVALHO, Luciana Menezes de; PALHÃO, Sandro Aduino. Marolo: um fruto, várias Ideias! Machado, MG: *Gráfica e Editora Gilcav*, 2017.

CARVALHO, João Afonso de. A família das Anonáceas. In: CARVALHO, Gilmara Aparecida de; CARVALHO, Luciana Menezes de; PALHÃO, Sandro Aduino (Eds.). Marolo: um fruto, várias ideias! Machado, MG: *Gráfica e Editora Gilcav*, 2017.

CHAKRABARTY, Dipesh. Museums Between Globalisation and the Anthropocene. *Museum International*, v. 71, n. 1–2, p. 12–19, 2019.

COCA, Estevan Leopoldo de Freitas; SANTOS, Leonardo; SILVA, Rodrigo de Paulo; et al. Agroecologia e territorialidades camponesas em Campo do Meio – MG. *Revista Campo-Território*, v. 14, n. 34, p. 168–186, 2020.

CUNHA, Manuela Carneiro da, Cesarino, Pedro. Políticas culturais e povos indígenas. [s.l.: s.n.], 2016.

DANOWSKI, Déborah; CASTRO, Eduardo Batalha Viveiros de. Há mundo por vir? ensaio sobre os medos e os fins. 2a edição. Desterro: São Paulo, SP: Cultura e Barbárie; ISA, *Instituto Socioambiental*, 2017.

DAVIS, Heather; TODD, Zoe. On the Importance of a Date, or, Decolonizing the Anthropocene. *ACME: An International Journal for Critical Geographies*, v. 16, n. 4, p. 761–780, 2017.

DESILVEY, Caitlin. Curated Decay: Heritage Beyond Saving. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2017.

DORFMAN, Eric. Changing Epistemologies in the Museum: An Evolving Relationship with Nature. *Museum International*, v. 71, n. 1–2, p. 30–37, 2019.

FRONT LINE. Report Front Line Defenders Global Analysis 2019. Dublin: International Foundation for the Protection of Human Rights Defenders, 2020. Disponível em: <<https://www.frontlinedefenders.org/>>. Acesso em: 10 jan. 2021.

FERRACINI, Rosemberg. Educação geográfica em museus: da África ao afro-brasileiro. *Revista da ABPN*, v. 7, n. 17, p. 299-321, 2015.

GUIMARÃES, Gustavo Uchôas. Presença de indígenas no município de Virgínia: um resgate da história indígena sul-mineira. In: *Anais do XXIX Simpósio Nacional de História*. Brasília: ANPUH, 2017, p. 1–17.

KOPENAWA, Davi. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo, SP: *Companhia das Letras*, 2015.

KRENAK, Ailton. Ideias para adiar o fim do mundo. São Paulo, SP: *Companhia das Letras*, 2019.

LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo/Rio de Janeiro: *Ubu Editora/Ateliê Editorial*, 2020.

LEWIS, Neil A. Man in the News: Benjamin Franklin Chavis Jr.; Seasoned by Civil Rights Struggle. *The New York Times*, 1993. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1993/04/11/us/man-in-the-news-benjamin-franklin-chavis-jr-seasoned-by-civil-rights-struggle.html>>. Acesso em: 19 out. 2021.

LEWIS, Simon L.; MASLIN, Mark A. Defining the Anthropocene. *Nature*, v. 519, n. 7542, p. 171–180, 2015.

LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo; BUENO, Camila Silva. Tambores da Resistência. *Cadernos de Pesquisa do CDHIS*, v. 33, n. 1, p. 91–119, 2020.

MOORE, Jason W. El Capitalismo en la trama de la vida: ecología y acumulación de capital. [s.l.: s.n.], 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónkẹ́. Visualizing the Body: Western Theories and African Subjects. In: COETZEE, P. H.; ROUX, A. P. J. (Orgs.). *The African philosophy reader: a text with readings*. 2nd ed. New York: *Routledge*, 2003.

PALHÃO, Sandro Aduino. “Terra do Marolo”? In: CARVALHO, Gilmara Aparecida de; CARVALHO, Luciana Menezes de; PALHÃO, Sandro Aduino (Eds.). *Marolo: um fruto, várias ideias!* Machado, MG: *Gráfica e Editora Gilcav*, 2017.

POLO, Marcelo. O cerrado. In: CARVALHO, Gilmara Aparecida de; CARVALHO, Luciana Menezes de; PALHÃO, Sandro Aduino (Eds.). *Marolo: um fruto, várias ideias!* Machado, MG: *Gráfica e Editora Gilcav*, 2017.

POVINELLI, Elizabeth A. Geontologies: a requiem to late liberalism. Durham: *Duke University Press*, 2016.

RESENDE, Maria Leônia Chaves de; LANGFUR, Hal. Minas Gerais indígena: a resistência dos índios nos sertões e nas vilas de El-Rei. *Tempo*, v. 12, n. 23, p. 5–22, 2007.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, quilombos: modos e significações. Brasília: *INCTI, UnB*, 2015.

SANTOS, Rita de Cássia Melo; OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de (Orgs.). De acervos coloniais aos museus indígenas: formas de protagonismo e de construção da ilusão museal. João Pessoa, PB: *Editora da UFPB*, 2019.

SILVA, Jairza Fernandes Rocha da; SILVA, Natalino Neves da; VIEIRA, Nayhara J. A. Pereira Thiers; LOWANDE, Walter Francisco Figueiredo. *Existences Museums: postponing the end of*



the world. In: HARRISON, Rodney; STERLING, Colin. Reimagining museums for climate action. London: UCL, 2021.

SILVA, Natalino Neves da. Educação Popular Negra: breves notas de um conceito. *Educação em Perspectiva*, v. 11, p. 20-33, 2020. DOI: <https://doi.org/10.22294/eduperppgeufv.v11i00.8488>

SOUZA, Jessé. A elite do atraso: da escravidão à Lava Jato. Rio de Janeiro, RJ: *LeYa*, 2017.

STENGERS, Isabelle. No tempo das catástrofes - resistir à barbárie que se aproxima. São Paulo: *Cosac Naify*, 2015.

STOCKING, George W; (Org.). Objects and others: essays on museums and material culture. Madison, Wis.: *University of Wisconsin Press*, 1985.

TSING, Anna Lowenhaupt. Viver nas ruínas: paisagens multiespécie no antropoceno. Brasília: *IEB Mil Folhas*, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Brasil, país do futuro pretérito. São Paulo: *N-1 Edições*, 2019. (Pandemia).

YUSOFF, Kathryn. A billion black Anthropocenes or none. Minneapolis: *University of Minnesota Press*, 2018. (Forerunners: ideas first from the University of Minnesota Press, 53).

Recebido em: 22/10/2021

Aprovado em: 30/06/2022